

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da arte educação no processo de ensino aprendizagem. Desta forma traz um relato de experiência ocorrido no âmbito de um projeto de educação ambiental no Norte Fluminense, tal projeto se desenvolve como mitigação de impacto na produção de petróleo e gás na Bacia de Campos (RJ). O mesmo é uma medida de mitigação do Licenciamento ambiental Federal conduzido pelo IBAMA. A autora vem trabalhando com este grupo desde 2013 no entanto a experiência relatada se limita a uma atividade ocorrida em 2016 .

## METODOLOGIA

O modelo adotado foi o de oficinas. Assim, foram simultaneamente expositivas, práticas e dialogadas, buscando estabelecer relações com o cotidiano das mulheres. A oficina foi dividida em, o momento de acolhimento das participantes com recepção e lanche, visando pedagogicamente o entrosamento e descontração das mesmas. Logo após, foi realizada apresentação dialogada sobre o estêncil, debates, e trabalho em grupo. A intencionalidade pedagógica foi discutir e aprender novos conceitos através de debates entre o grupo sobre associativismo e cooperativismo no contexto da oficina de arte utilizando o estêncil como ferramenta didática e consolidando a identidade das mulheres no seu espaço de trabalho. Após a discussão teórica se deu início a parte prática da oficina onde se explicou sobre os materiais e aplicação das pinturas no muro da Cozinha Pedagógica. A técnica utilizada foi o estêncil para com ênfase na importância do trabalho em grupo. Durante a mobilização as mulheres já foram orientadas a fazer um pré-corte do estêncil para o dia da oficina.

## DESENVOLVIMENTO

De acordo com Avancini (1995) “ a arte-educação no enfoque da construção do cotidiano se pauta pelo resgate - pós-moderno - do fragmento, do particular, das vidas anônimas - mas sem perder de vista o enfoque dos movimentos sociais, dos coletivos de luta, dessa forma o que buscamos como profissional da arte educação é manter uma atitude de pesquisadora e buscar apreender os diferentes “jeitos” das pessoas das comunidades, das marisqueiras, das catadoras de caranguejo, das pescadoras de fazedoras de rede. Quais as soluções que elas arrumam para sobreviver neste mundo impactado pelo desenvolvimento capitalista, como se mantém, como se fortalecem na identidade de mulher inserida na cadeia produtiva da pesca.

Dessa forma, a arte-educação torna-se o conteúdo e o método ao mesmo tempo no projeto de educação ambiental que visa o fortalecimento da organização comunitária. Segundo a história da arte-educação, esta inicia na década de 1980 especialmente com a professora Dra. Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 1991). O termo arte educadores designa uma categoria de

---

<sup>1</sup> *Arte- Educadora, Especialista em Psicopedagogia.* [jodarosa84@gmail.com](mailto:jodarosa84@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Magistério Superior (adjunta) –FURG – Universidade Federal do Rio Grande.  
[mariaodete@furg.br](mailto:mariaodete@furg.br)

profissionais devidamente licenciados em arte que empreenderam uma luta política para que houvesse um espaço definido e respeitado no ensino formal admitindo que arte se ensina e que não é um processo espontâneo apenas. De acordo com o PCN (Parâmetro Curricular Nacional – BRASIL, 1997, p. 41-42) existem três eixos norteadores: A produção, a fruição e a reflexão. A *produção*: Fazer artístico do aluno e dos produtores sociais de arte. A *fruição*: Apreciação significativa de arte dos alunos e da produção histórico-social em sua diversidade. A *reflexão*: Construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal, dos colegas e sobre a arte como produto da história e da multiplicidade das culturas humanas, com ênfase na formação cultivada do cidadão.

Ao desenvolver sistematicamente um trabalho de arte-educação numa linha de educação ambiental não formal como é o caso desse projeto, desenvolvido no âmbito do licenciamento ambiental federal nas atividades de produção de petróleo e gás da Bacia de Campos onde existe um outro tripé, IBAMA, empresa de petróleo e gás e empresa consultora e executora. Agimos dentro dos princípios da arte educação do Brasil. Continuamos o movimento que trata a produção, a fruição e a reflexão como produto da história e das culturas humanas. Dessa forma lembramos as palavras de Avancini (1995): “De que lado deve estar o (a) arte educador (a) em relação ao papel da arte como resistência à barbárie e à afirmação da cultura”? Tais palavras nos orientam sobre como devemos nos portar diante do desafio de trabalhar com as mulheres inseridas na cadeia da pesca artesanal do Norte Fluminense.

Do mesmo modo ocorre quando se pensa a arte e a educação e a educação ambiental numa perspectiva emancipatória pois o que se imagina quando se pensa em educação está intimamente ligado à nossa concepção de mundo, das relações homem/mulher e suas trocas metabólicas com a natureza (Marx). No contexto da educação libertadora, Paulo Freire (1982) afirma:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu* (FREIRE 1982, p. 41).

No caso específico da educação ambiental na gestão pública (licenciamento ambiental), não colocamos o foco na educação formal, contudo não desprezamos a importância desta na conformação social. É fato para nós a importância estratégica da educação no processo de transformação social e econômica de um país. O processo social, educativo e coletivo que se estabelece em projetos e programas de EA no licenciamento trazem como desafio a tarefa educativa e transformadora, e para que seja possível a emancipação dos sujeitos envolvidos nesse processo torna-se fundamental os elementos estruturantes expostos por Freire: a capacidade de sonhar, projetar, trocar experiências, vivenciar, discutir, defender suas posições e ideias, ter raiva, indignação, porque o sujeito da ação é capaz de amar e ter utopia.

Nesse contexto a arte educação se torna de suma importância no processo, pois trabalhar com grupos sociais onde encontram-se pessoas que sequer sabem decifrar o código escrito, isto é, analfabetos totais e analfabetos funcionais torna a tarefa desafiadora. Através de uma metodologia que valoriza outros aspectos do intelecto que avança daqueles que costumamos usar, a leitura e a escrita, faz da arte educação uma ação estratégica. A ideia é a articulação de elementos da educação popular e da arte na intenção pedagógica da transformação social.

Ainda, temos a questão do posicionamento de classe, isto de que lado deve ficar a profissional da arte educação como nos disse Avancini.

Ainda sobre a relação do dirigente (educador) com os educandos, Vygotsky reforça:

A pedagogia se revela sob o aspecto da luta. “Em face da estrutura caótica da sociedade capitalista, três quartos das modernas diretrizes sociais constituem um sistema de sociofobias, ou seja, de uma hábil abstração pelo organismo de ações válidas. Por isso educar no organismo uma sólida resultante social em sua maior parte é uma luta encarniçada ora latente, ora evidente entre o educador e o educando. Por isso a sociologia (pedagogia, psicoterapia) não deve e nem pode ser apolítica. O verdadeiro sociólogo, ou seja, o educador e não o gramofone, sempre é político. A educação dos reflexos sociais é a educação da linha social do organismo, ou seja, a educação não pode deixar de ser, política. A pedagogia (sociologia) nunca foi apolítica uma vez que ao trabalhar com o psiquismo e os reflexos sociais, sempre infundiu, voluntária ou involuntariamente, essa ou aquela linha social, ou seja, política em correspondência com os interesses da classe social dominante que a orientavam” (ZALKIND, 1930, pp.155, 157-8 apud VYGOTSKY, 2004 p. 459).

Nessas afirmações, identificamos Paulo Freire quando posiciona os educadores na chamada diretividade e na postura política. Percebemos que, no contexto em que escreveu Vygotsky, já havia esse entendimento de que está implícita na ação do educador a sua concepção de mundo e o modo como o mesmo se posiciona enquanto classe social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres demonstraram motivação e entusiasmo em vivenciar o estêncil no espaço físico do projeto (cozinhas pedagógicas) e agora ocupado e preenchido por elas com suas demandas, ocupações e trabalhos. As palavras que utilizaram foram, compromisso, união, paciência, solidariedade e trabalho. Disseram que um dos maiores desafios era persistir no projeto mesmo que suas demandas demorassem um tempo para serem atendidas, por exemplo, a geração de renda que necessita de um longo caminho até apresentar resultados concretos e palpáveis. Mas destacaram a importância de se ter paciência de esperar o amadurecimento do grupo no desejo de desenvolver um trabalho coletivo. Neste aspecto a arte educação torna-se um dos meios, dentre outros, para que o trabalho com as mulheres inseridas na cadeia da pesca artesanal no Norte Fluminense seja constante, processual e promova a emancipação. O projeto denomina-se PEA FOCO – Fortalecimento da Organização Comunitária.

A atuação do PEA FOCO tem sido orientada por uma prática comprometida e investigativa desde 2011 até o presente momento, 2019, no sentido de produzir conhecimento que possa ser compartilhado com a sociedade em geral, objetivando tornar-se um exemplo de prática reflexiva que corrige seus rumos de forma coletiva e democrática, em um processo participativo.

No que tange à fundamentação teórica da prática do trabalho popular com viés de pesquisa participante e/ou social, orienta-se no pensamento e registro teórico de Pereira 2010:

Desde o início de nossa caminhada, compartilhamos as ideias expostas por LÜDKE e André (1986), assim como THIOLENT (2000), Brandão (2003) e TRIVIÑOS (1987), os quais defendem na pesquisa ação e/ou participante, uma prática que gere e interaja com a ação teórica. Apesar de nos últimos anos

termos avançado na discussão metodológica, o que pode num primeiro momento nos levar a considerar tais obras como superadas na discussão atual, acreditamos que elas contêm elementos estruturantes de nossa proposta (pag.22).

Encerra-se assim reafirmando o protagonismo das mulheres do Norte Fluminense e sua capacidade criativa de se renovar a cada dificuldade não abandonando a esperança de dias melhores.

Uma sementeira permanente:

“De onde se tira e não se põe a tendência é acabar”!

Isso vale para a natureza como vale para o movimento popular. E a grande sementeira que deve ser sempre cultivada é o povo. O trabalho de base só tem sentido e finalidade se for para ajudar o povo a lutar e a ser feliz!” (Peloso, 2012, p. 16).

Da mesma forma o valor das pesquisas e ações investigativas comprometidas com as populações em vulnerabilidade são espaços importantes de valorização da vida e da arte.

## REFERÊNCIAS

AVANCINI, José Augusto. A arte – educação cria elos com o cotidiano ? In: Anais do Simpósio Estadual de Arte-educação – A arte-educação e a construção do cotidiano. Porto Alegre, junho de 1995.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo, SP: Perspectiva,1991.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

PELOSO, Ranulfo (org). Cepis – Educação Popular. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PEREIRA, MOR. PEAs – Programas de Educação Ambiental no licenciamento Uma análise e uma proposta pedagógica para além do Capital Social. Tese doutorado - PPGEA - Rio Grande: FURG, 2010.

VYGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martin Fontes, 2001.